



## A EPISTEMOLOGIA DE HEGEL

TAÍNE DA ROSA BERTAN<sup>1,2\*</sup>, EDIOVANI ANTONIO GABOARDI<sup>2,3</sup>

### 1 Introdução/Justificativa

O presente trabalho visa a compreensão da epistemologia de Hegel a partir de suas críticas e teses. A principal obra utilizada na pesquisa foi a *Fenomenologia do espírito*, na qual o autor tenta responder à pergunta, ‘*O que é o conhecer?*’, tomando teorias do conhecimento ao longo da história, mostrando como se experiencia o mundo a partir de cada uma delas, alargando o horizonte da consciência. É também nesta obra que Hegel tece suas críticas à teoria do conhecimento moderna em geral, em especial à teoria kantiana. A partir do material estudado, buscou-se compreender a tese hegeliana sobre o conhecer, que propõe uma releitura de como fazer ciência. Hegel entende o conhecimento como sendo processual e não linear. Ele refuta a teoria do conhecimento entendendo-a como irrelevante enquanto conhecimento quando comparada à ciência. Hegel também entende o conhecer como um processo complexo que é inteiramente necessário para se chegar à verdade. Assim, a pesquisa se deu entorno da interpretação hegeliana de conceitos como *verdade*, *conhecimento* e *justificação*, os quais são fundamentais para a epistemologia contemporânea.

### 2 Objetivos

O objetivo desta pesquisa é explicitar a concepção hegeliana a respeito de três conceitos básicos da epistemologia tradicional: conhecimento, verdade e justificação. Busca-se explicitar a concepção hegeliana de justificação epistêmica implícita a sua crítica à teoria do conhecimento kantiana. Nesse contexto investiga-se a noção de negação determinada, enquanto processo de aquisição e de justificação do conhecimento, resultante da crítica

1 Licencianda da 6ª fase de filosofia da UFFS, *campus* Chapecó-SC, bolsista de iniciação científica do projeto *Epistemologia de Hegel* (Edital nº 1010/GR/UFFS/2018). Contato: [tanc.bertan@gmail.com](mailto:tanc.bertan@gmail.com).

2 Grupo de Pesquisa: Lógica, linguagem e conhecimento.

3 Doutor em Filosofia pela PUC-RS, membro efetivo do quadro docente do curso de Filosofia da UFFS, *campus* Chapecó-SC. Contato: [ediovani.gaboardi@uffs.edu.br](mailto:ediovani.gaboardi@uffs.edu.br).



hegeliana ao ceticismo. Da mesma forma, tematiza-se a dialética hegeliana enquanto uma concepção específica sobre as noções de justificação e de verdade.

### 3 Material e Métodos/Metodologia

Esta pesquisa é de cunho bibliográfico, consistindo na leitura, interpretação e reconstrução das principais teses epistemológicas de Hegel. Busca-se explicitar, com isso, o que se pode chamar de epistemologia hegeliana, ou seja, a posição de Hegel acerca dos conceitos principais de epistemologia: conhecimento, verdade e justificação. A obra que serve de referência principal é a *Fenomenologia do espírito* de 1807.

### 4 Resultados e Discussão

A *Fenomenologia do espírito* inicia com fortes críticas à teoria do conhecimento moderna, em especial às problemáticas encontradas por Hegel na teoria kantiana. Segundo ele, a teoria do conhecimento investiga o conhecer abstratamente, tematizando apenas ele sem levar em conta o conteúdo conhecido. Além disso, ela cria uma divisão entre o conhecimento e a coisa mesma, pois alega não ser possível o acesso a esta última, conclusão a que chega não apenas a teoria kantiana, mas também a empirista. Para o autor, é preciso ultrapassar a teoria do conhecimento, para que seja possível à ciência seguir seu curso natural, aceitando o erro como parte do processo do conhecimento. A teoria do conhecimento moderna se pauta em suposições, focando na subjetividade do indivíduo, e não na tarefa de conhecer o mundo. Para Hegel, não existe uma forma correta de conhecer que possa ser descoberta antes do próprio ato concreto de conhecimento.

Para Hegel, os erros são de grande importância, pois são o caminho para a verdade. São eles que fazem a consciência abrir mão daquilo que considera verdade mas não é. A consciência passa pelo processo do conhecimento se defrontando com sua própria história, percebendo os erros nos quais pode estar acreditando. Assim, ela faz o exercício de revisar seus próprios conceitos, passando aos poucos do estado de consciência fragmentada para o estado de consciência filosófica. Isso é possível porque, para Hegel, a consciência está sempre para além de si mesma, definindo tudo que ela não é. Ela mesma estabelece o padrão de medida para medir seu próprio saber, tornando o conhecimento uma comparação da



consciência com ela mesma.

Um dos principais temas encontrados na teoria hegeliana é o conceito de negação determinada. Esse conteúdo diz respeito à construção dos objetos através das experiências da consciência. Por meio de seu padrão de medida, a consciência vai conhecendo o objeto, na relação que desenvolve com ele, negando e superando tudo que ele não é. Ou seja, para se descobrir o que o objeto é, é preciso descobrir o que ele não é, comparando-o com outros objetos do mundo e com as informações presentes na consciência. Este é um processo importante, pois é ele que levará a consciência à verdade, também entendida por Hegel como o *absoluto*. Na concepção hegeliana, a verdade pode ser definida, em termos gerais, como uma conformidade entre o conhecimento e o ser e é universalmente válida, não podendo ser subjetiva.

O conceito de conhecimento, em Hegel, é entendido como um processo que parte de uma primeira ideia ou *tese*. Esta será contrariada por outra ideia, a *antítese*. Como resultado, surgirá uma conclusão ou *síntese*. Esses são, para Hegel, os três lados ou momentos da dialética, a lógica que se realiza em todo fenômeno real, inclusive no processo de conhecer.

A dialética é a chave para a compreensão dos conceitos de verdade e de justificação na *Fenomenologia* de Hegel. A verdade é a síntese que surge como resultado das experiências que a consciência realiza. E, pelo fato de resultar da negação determinada dos resultados de experiências anteriores, o que surge como verdade contém também sua justificação. Assim, para Hegel a descoberta (construção) da verdade dá-se pelo mesmo processo em que ela recebe justificação.

Hegel entende a *Fenomenologia do espírito* como o caminho da consciência em direção ao espírito. Na natureza da consciência está preestabelecido que ela é, no fundo, o *espírito*. Hegel compreende o espírito como uma consciência coletiva ou cultura, que abrange tudo o que não é natural. Assim, a consciência se encara de diferentes formas ao longo da história, pois ela é resultado do processo histórico que a antecede. Esse processo espiritual é a fonte da verdade e também da justificação em Hegel.

## 5 Conclusão



A partir das teses e discussões feitas por Hegel, com base em teorias que o antecederam, é possível perceber a importância da compreensão deste conteúdo no meio acadêmico, principalmente se tratando de um autor com escrita rebuscada e complexa. Hegel tece importantes críticas, não só à teoria kantiana, como à teoria do conhecimento moderna em geral, que conseguem balançar as estruturas da teoria do conhecimento, fazendo repensar e ressignificar outros conceitos. Nessa perspectiva, Hegel reconstrói a ciência, e o processo da experiência em busca da verdade é entendido como construção. Sendo assim, tem a Fenomenologia como o caminho da ciência, sendo o caminho da consciência em direção à própria ciência.

**Palavras-chave:** Hegel; epistemologia; conhecimento.

### **Financiamento**

Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS

### **Referências**

BONACCINI, J. A. **O conceito hegeliano de "Fenomenologia" e o problema do ceticismo.** Veritas, Porto Alegre, v. 51, n. 1, Mar 2006. 56-68.

HEGEL, G. W. F. **Fenomenologia do espírito.** Tradução de Paulo Meneses. Petrópolis: Vozes, 1992.

HYPPOLITE, J. **Gênese e estrutura da Fenomenologia do espírito de Hegel.** Tradução de Sílvio Rosa Filho. São Paulo: Discurso editorial, 1999.

INWOOD, M. **Dicionário Hegel.** Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

UTZ, K. O que é “ciência”? A resposta da Fenomenologia do espírito. In: UTZ, K.; SOARES, M. C. (Orgs.). **A noiva do espírito: natureza em Hegel.** Porto Alegre: EdiPUCRS, 2010. p. 75-82.